

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM SALA DE AULA

Juliana Cristina Nunes de Oliveira (FALS)
Orientador: Prof. Ms. Artarxerxes Modesto

RESUMO: Este trabalho discorre sobre variação linguística e como é realizado o seu trabalho em sala de aula, analisando a relação entre as variedades da língua contrapostas com a língua padrão. Nessa linha, demonstra conceitos e definições sobre a variação linguística, preconceito linguístico, Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS – e a relação destes com a variação linguística, analisa o retrato das variações linguísticas no Brasil e apresenta possíveis atividades que, se aplicadas em sala de aula, contribuiriam para a aceitação da existência destas variações, para a compreensão das aplicações de cada um dos gêneros e, conseqüentemente, para a descoberta de novas formas de utilizar as funções da língua dentro de cada uma de suas variações.

PALAVRAS CHAVES: Variação linguística, preconceito linguístico, gênero textual.

ABSTRACT: *This work discourses about language variation and how their work is done in classroom, analyzing the relationship between the varieties of language contrasted with the language standard. This line, demonstrates concepts and definitions about language variation, linguistic bias, national curricular parameters – PCNS – and their relationship with the language variation, analyses the picture of the language variations on Brazil and show possible activities which, if applied in the classroom, contributed to the acceptance of the existence of these variations, to the understanding of the applications of each gender and, consequently, to the discovery of new ways to use the functions of the language within each one of its variations.*

KEY WORDS: *Language variation, linguistic bias, genre, portuguese.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto do questionamento sobre o ensino de língua portuguesa, em específico, como a variação linguística é abordada e trabalhada em sala de aula, buscando observar quais são as atitudes e intervenções que ocorrem referente ao assunto “variação” e como isso repercute na aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

A sociolingüística é uma das vertentes da linguística que se propõe a estudar a língua em uso nas comunidades de fala, correlacionando a investigação aos aspectos linguísticos e sociais.

[...] A sociolingüística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. [...] (MOLLICA, 2004, p.10)

Partindo do pressuposto de que é possível estudar e descrever a variação, e que a variação está intimamente relacionada a fatores estruturais e sociais, buscar-se-á estudar sob a nova perspectiva de ensino, o da pedagogia da variação lingüística, contraposta com a educação de língua portuguesa tradicional, o ensino de gramática e norma-padrão.

Bagno, em seu livro, Norma lingüística, diz “Por que não opor *variedades cultas* a “variedade-padrão”? Porque o termo variedade implica, na sociolingüística, um uso concreto, efetivo por parte de falantes reais. (...)” (BAGNO, 2001, p.11)

O estudo sobre as variações lingüísticas é muito mais que cultural, se posso dizer assim, é “usual”, o que realmente se usa da língua? Como essas variações surgem? Quais são essas variações? E o que há de tão errado nelas?

O que se pretende com esse trabalho, é conhecer, em um primeiro momento, o que são as variedades lingüísticas, e como elas acontecem.

Em um segundo momento, por que existe o preconceito com línguas menos prestigiadas, porque elas se tornam, mais ou menos, engraçadas dependendo de quem as fala?

Em um terceiro momento como elas são trabalhadas dentro do espaço escolar, principalmente, quando contrapostas ao ensino tradicional de língua portuguesa (gramática; norma).

E por fim, como elas poderiam ser trabalhadas, e como elas são importantes em nossa sociedade, o quanto essas variedades são ricas e preciosas.

Este trabalho se justifica com a presença evidente da variação lingüística na vida em sociedade e na particularidade de cada indivíduo. É um assunto não só importante, mas, instigador quando contraposto com o ensino escolar de língua portuguesa, onde nos estimula propor uma revisão de concepção e método de ensino.

A língua é como um rio, e como se sabe, de acordo com o pensamento de Heraclito de Éfeso "O homem não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio", pois o rio está em constante atividade, ele não pára, mas, a água movimenta-se o tempo todo, sendo assim, pode-se caminhar para a idéia de que a língua está em constante mudança. (v. BAGNO)

E pensando nisso, a respeito do ensino, podemos observar que ele continua seguindo os mesmos critérios do ensino de séculos atrás, a sociedade modificou-se e ainda continua se pregando e impondo os mesmos conceitos de língua, onde a norma padrão, a gramática ainda dita o que é "certo" e "errado".

Um dos questionamentos que motivaram a pesquisa é: Que tipo de homem quer-se formar?

[...] uma abordagem antropológica da questão da norma é a constatação de que a língua é um fato social. Sabe-se que a língua serve para comunicar. Ora, a comunicação implica, por definição, a existência de vários falantes. Quanto à definição do ato de comunicação, digamos que ele se apresenta como uma interação entre um emissor e um receptor, sendo o conteúdo desta interação suscetível de tomar as formas mais variadas. (BAGNO, 2001, p.147)

Podemos observar a partir da citação acima que, a sociedade é composta por vários falantes e, que a sociedade é dividida por vários grupos, caracterizada pelas mais diversas causas, seja: social, etária, gênero, profissional etc.; Onde, esses grupos

fazem uso diferenciado da língua, sugerindo então as variedades que compõe a nossa realidade.

Pensando no letramento, nas competências e habilidades, mais importante que desconsiderar o conhecimento que o indivíduo já chega à sala de aula e tentar impor uma “verdade absoluta” de língua, é explorar as variedades e refletir sobre a língua, pensando na sua adequabilidade e aceitabilidade dependendo do contexto.

É buscar formar o indivíduo global, para que ele saiba articular os conhecimentos em sua vida cotidiana.

1. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL: UM RETRATO SOCIOLINGUÍSTICO.

Segundo Possenti (1997), a variedade lingüística nada mais é do que o reflexo da sociedade, onde, esta (sociedade) possui uma variedade social caracterizando então, o papel dos indivíduos e dividindo-os em grupos, classes.

O Brasil é uma sociedade onde a distribuição de renda ocorre de modo desigual promovendo essa divisão de classes sociais, onde isso reflete diretamente na aquisição da língua; Bortoni-Ricardo (2004) define essa “divisão de classes” como “domínios sociais”.

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio. [...] (BORTONI-RICARDO, 2004, p.23)

Os papéis sociais são definidos por normas socioculturais, é algo que já está enraizado em nossa cultura e que de um modo “natural” determina os “personagens”. Com isso, podemos notar que existe uma divisão evidente que se reflete também na língua.

Daí o domínio do “Português-Padrão” (PP) sobre o “Português não padrão” (PNP) que são as demais variedades da língua (nos seus mais diversos âmbitos e aspectos, seja social, regional, faixa etária etc.).

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque não faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.34)

Bortoni-Ricardo emprega muito bem que, as variedades com maior poder e prestígio, nada tem de superior as demais variações a não ser pela sua ideologia dominante, que estão associados à política, a economia.

A divisão lingüística ocorre da seguinte maneira, de um lado estão às variedades estigmatizadas (PNP) e do outro lado está à variedade prestigiada (PP); É importante saber quais os critérios que promovem essa divisão, onde podemos detectar o motivo do preconceito com as variedades estigmatizadas.

Abaixo a tentativa de reprodução de um quadro apresentado por Bagno em seu livro “Nada na língua é por acaso” (p.77), onde podemos perceber a representação dos pólos citados acima.

+ ESTIGMA	+ PRESTÍGIO
- renda	+ renda
- escolaridade	+ escolaridade
+ rural	+ urbano

Vygotsky (1982) afirma que “o meio social é determinante no desenvolvimento humano” (VYGOTSKY, 1982 apud NEVES, DAMIANI, p.6), ou seja, o ambiente em que o indivíduo está inserido influencia direto e/ou indiretamente no desenvolvimento e aprendizagem da linguagem, a qual (aprendizagem) ocorre por “imitação”, uma reprodução do que se é vivenciado.

Fiorin afirma que a formação discursiva é uma formação ideológica, e corresponde à reprodução do que se é ouvido e assimilado dentro do grupo, classe, ao qual o indivíduo pertence, vinculando-o a produção de uma identidade ideológica.

[...] a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. [...] o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação determina o que dizer. [...] Não devemos esquecer-nos de que assim como a ideologia dominante é da classe dominante, o discurso dominante é o da classe dominante. (FIORIN, 2007, p.32)

Ou seja, a ideologia dominante possui o discurso predominante, e por ser influente, tenta-se padronizar a língua, criando uma norma a ser seguido, o que justifica a existência da norma-padrão e a gramática, porém, a existência do português padrão não minimiza e nem exclui a existência do português não-padrão.

[...] Esse PNP (português não-padrão), logicamente, apresenta variedades de acordo com as diferentes regiões geográficas, classes sociais, faixas etárias e níveis de escolarização em que se encontram as pessoas que o falam. [...] (BAGNO, 1997, p.28)

Existem alguns fatores que indicam a variação lingüística e que compõe o português não-padrão, vejamos abaixo:

Grupos etários

“(...) diferenças sociolingüísticas intergeracionais; os avós falam diferentes dos filhos e dos netos etc. (...)” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.47)

Isso acontece devido à constante mudança que a sociedade sofre com o tempo, e também influenciado pelas tendências da “moda”.

Gênero

Existe uma cobrança e receptividade diferenciada do modo como certas colocações são realizadas dependendo de quem as fala se é um homem ou uma mulher.

“(...) essas variações entre repertórios feminino e masculino são relacionadas aos papéis sociais que, conforma já prendemos, são culturalmente condicionados.”
(BORTONI-RICARDO, 2004, p.47)

Status socioeconômico

A distribuição de renda e a realidade de algumas regiões, mais carentes e necessitadas, influenciam no modo como essas pessoas fazem uso da língua, atendendo a suas necessidades.

“(...) desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, o que se reflete em diferenças sociolingüísticas. (...)” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.48)

Grau de escolarização

O quanto e em quais escolas o indivíduo freqüentou influencia em seu repertório lingüístico, pois, ao permanecer mais tempo na escola o indivíduo tem maior contato com os mais variados gêneros textuais.

Mercado de trabalho

Dependendo do lugar (empresa, comércio) que o indivíduo trabalha, ambiente mais ou menos formal, interfere em como o indivíduo fará uso da língua, monitorando mais ou menos a sua fala.

“As atividades profissionais que um indivíduo desempenha também são um fator condicionador de seu repertório sociolingüístico. (...)” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.48)

Rede social

O modo como às pessoas com as quais convivemos interagem com a língua e a empregam em seu cotidiano interferirá em nosso comportamento.

“(...) cada um de nós adota comportamentos semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social. (...)” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.49)

Esses são os fatores que qualificam o PNP, e que de um modo explica a sua existência.

Vamos comparar as diferenças e especificidades do PP e do PNP:

Português não-padrão	Português padrão
<i>Natural</i>	<i>Artificial</i>
<i>Transmitido</i>	<i>Adquirido</i>
<i>Apreendido</i>	<i>Aprendido</i>
<i>Funcional</i>	<i>Redundante</i>
<i>Inovador</i>	<i>Conservador</i>
<i>Tradição oral</i>	<i>Tradição escrita</i>
<i>Estigmatizado</i>	<i>Prestigiado</i>
<i>Marginal</i>	<i>Oficial</i>
<i>Tendências livres</i>	<i>Tendências refreadas</i>
<i>Falado pelas classes dominadas</i>	<i>Falado pelas classes dominantes</i>

Bago nos apresenta esta tabela em seu livro: 'A língua de Eulália, novela sociolinguística' (p.36), onde podemos observar que, o português não-padrão é natural, caracteriza-se pela aprendizagem informal, onde se fala o que se usa, tendo como maior objetivo a comunicação, sua tradição é oral, faz-se uso maior da língua falada, e é falado pelas classes dominadas, logo, estigmatizadas. Diferente do português padrão, que na verdade é um 'ideal' de língua, algo artificial, e não usual, sua tradição é a língua escrita, algo que é adquirido e é falado pelas classes dominantes, logo, prestigiada.

É importante salientar que apesar da existência do PNP, não quer-se aqui (neste trabalho) excluir a importância do ensino do português padrão nas escolas, ao contrário, o que está posto a crítica é o estilo como ele é ensinado e o modo discriminador que tem-se contra o PNP.

[...] A tese de que não se deve ensinar ou exigir o domínio do dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam dialetos não padrões baseia-se em parte no preconceito segundo o qual seria difícil aprender o padrão. Isto é falso, tanto do ponto de vista da capacidade dos falantes quanto em grau de complexidade de um dialeto padrão. [...] (POSSENTI, 1997, p.17)

A escola tem a função de proporcionar aos indivíduos a oportunidade de aprender a língua padrão, o que não pode ocorrer é, no momento desta aprendizagem e aquisição, “(...) a ideologia da necessidade de “dar” ao aluno aquilo que ele “não tem”, ou seja, uma “língua”. (...)” (BAGNO, 1997, p.62), o ‘professor’ achar que o aluno não tem uma língua, agindo então, de modo depreciador do conhecimento que o aluno já chega à escola e a sua variedade de língua, característica de sua realidade e de sua comunidade;

A. A MITOLOGIA DO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

Vivemos em mundo globalizado, aonde tudo, de certa forma vem sendo reformulado, avançando em direção ao mundo tecnológico; por que será que temos que continuar aceitando que somente a norma-padrão é “certa”, quando, muitas vezes ela já esta ultrapassada? Por que tanta resistência em concordar que a língua é viva e que ela, assim como, sofreu mudanças do latim para o português vem sofrendo novas mudanças; a sociedade muda constantemente, e por que ainda existe tanto preconceito com as variações?

A língua é como um rio que se renova, ou seja, ela não é única e acabada, mas, está em constante mudança e renovo, em nosso cotidiano percebemos variações que surgem a cada instante, e que se contrapõe à gramática, que, segundo Bagno é como a água do igapó, que envelhece. A gramática resiste essas variações mesmo sabendo que elas já ocupam um espaço considerável em nossa sociedade.

O Brasil possui uma variedade lingüística muito ampla, devido às características de cada região, as diferenças sociais etc., nem todos têm acesso à cultura que é destinada as ‘elites’, e embora a escola trabalhe a linguagem formal dentro da sala de aula, ela não tem uma didática apropriada, pois, não se leva em consideração a realidade social do grupo, aplicando a norma padrão como única,

verdade absoluta, como se os alunos não soubessem nada em relação à língua, desprestigiando-os e desprezando-os.

[...] a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. [...] (BAGNO, 2007, p.27)

Talvez, por falta de preparo a escola acabe afastando mais ainda a possibilidade de uma sociedade ‘carente’ se encontrar na sociedade em que vive. A escola não leva em conta a educação informal e acabam estabelecendo os mitos de que: português é muito difícil; de que pessoas sem instrução não sabem falar; de que para saber escrever e falar são necessários saber as regras gramaticais, enfim, acabam mantendo inverdades que são muito presentes na mentalidade de muitas pessoas quando o assunto é língua portuguesa.

Os brasileiros falam português certo sem sombra de dúvida, porém, as variedades entre os grupos que existem e compõe a sociedade é muito grande, a língua vai adaptando-se a realidade e necessidade da população.

[...] os erros que condenamos só são erros se o critério de avaliação for externo à língua ou ao dialeto, ou seja, se o critério for social. Mas, se adotássemos esse critério para todos os casos, deveríamos também concluir que são erros todos os modos diferentes de falar, mesmo os que são típicos de outras línguas. (POSSENTI, 1997, p.30)

É interessante observar que, a grande questão é o “diferente”, porém, só é discriminado o “diferente” existente em uma mesma língua, Possenti (1997) coloca em questionamento o fato de aceitarmos tranquilamente “(...) *que os outros (os que falam outra língua) falem diferente. (...) Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente.*” (POSSENTI, 1997, p.29)

[...] – A prática tradicional de ensino da língua portuguesa no Brasil deixa transparecer, além da crença no mito da “unidade da língua portuguesa”, a ideologia da necessidade de “dar” ao aluno aquilo que ele “não tem”, ou seja, uma “língua”. Essa pedagogia paternalista e autoritária faz tábua rasa da bagagem lingüística da criança, e trata-a como se seu primeiro dia de aula fosse também seu primeiro dia de vida. Trata-se de querer “ensinar” ao invés de “educar”. (BAGNO, 1997, p.62)

A escola é, senão, o lugar aonde as pessoas vão para aprenderem, porém, ao chegar à escola, é como se a vida da pessoa começasse naquele momento, e que o conhecimento e a bagagem cultural que aquela pessoa trás consigo não “valesse de nada” e que ela precisará aprender tudo (novamente), inclusive a falar (segundo o português-padrão). Sendo assim, o que ocorre é a reafirmação de preconceitos existentes em toda a cultura brasileira.

A língua na verdade tem por objetivo (um dos) estabelecer a comunicação, e embora existam variedades esse objetivo é realizado. Ela não é algo inflexível, onde, se aceita apenas uma possibilidade, mas ao contrário, ela é flexível, adaptando-se a cada sociedade de modo diferenciado, a questão é – aceitar – respeitar o diferente.

A afirmação de que “português é muito difícil”, só tem relevância quando levamos em conta todas as regras e conceitos que para nós, não acrescentam e muitas vezes não fazem sentido, visto que cada ser humano possui uma gramática interna de sua língua materna. Aliás, a língua não-padrão possui regras também, porém, não tão complexas quanto às da norma, mas, coerentes em sua aplicação.

O individuo reproduz uma língua que o identifica como pertencente ao seu grupo que possui características especifica que são reflexo da adaptação da língua para a comunidade “(...) *Saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade regras básicas de funcionamento dela.*” (BAGNO, 2007, p.35) Porém, um dos maiores inimigos em relação às variações lingüísticas é o ‘preconceito’ a ‘discriminação’, que na verdade é social, ideológico, a fim de manter um poder estabelecido.

O preconceito lingüístico refere-se não ao “que se fala”, mas, “quem fala”, é na verdade um preconceito social. Talvez, se as variedades fossem faladas por uma “elite”, não haveria tanto preconceito e choque.

Existe um mito ingênuo de que a linguagem humana tem a finalidade de “comunicar”, de “transmitir idéias” – mito que as modernas correntes da lingüística vêm tratando de demolir, provando que a linguagem é muitas vezes um poderoso instrumento de ocultação da verdade, de manipulação do outro, de controle, de intimidação, de opressão, de emudecimento. Ao lado dele, também existe o mito de que a escrita tem o objetivo de “difundir idéias”. No entanto, uma simples investigação histórica mostra que, em muitos casos, a escrita funcionou, e ainda funciona, com a finalidade oposta: ocultar o saber, reservá-lo a uns poucos para garantir o poder àqueles que a ela têm acesso. (BAGNO,2007, p.133)

A língua, sua construção gráfica, pode muitas vezes ser usado de modo a camuflar o verdadeiro significado e intenção, existem em muitos textos que dizem a respeito a todos os cidadãos, que estão escritos com um linguajar que, a não ser quem tem um vasto conhecimento léxico, conseguiria entender, rompendo então com o simples transmitir ideias e comunicar-se para também dificultar o acesso a informações tão fundamentais.

Como podemos perceber a língua, apesar de sua principal função, que é estabelecer a comunicação, também pode ser usado de modo a manipular para exclusão, estabelecer um controle sobre as pessoas, um exemplo disso, os meios de comunicação, mídia, que produzem e transmitem textos, que muitas vezes manipulam, ou pelo menos tentam, nos fazer enxergar a realidade que eles querem que enxerguemos, por isso, é necessário que e a escola, desperte a análise crítica de seu aluno, levando-o a ser crítico e reflexivo, conduzindo-o (aluno) de uma posição passiva para uma postura ativa e crítica.

A escola tem que ser o lugar onde exista espaço para discutir sobre a existência das variedades e a imposição de uma norma considerada padrão; transformando os momentos aula de língua portuguesa numa verdadeira investigação sobre a língua, buscando enxergar o que existe em oculto.

No segundo mito, sobre a escrita, um grande exemplo dessa reserva de saber, é a igreja católica, que anteriormente reservava a leitura das escrituras a um grupo restrito, afim, de esse manter-se no poder, sendo um superior em relação aos demais, só depois, essas leituras foram disponibilizadas a todas as pessoas, com a reforma protestante. Outro exemplo em relação à língua escrita é:

[...] A discriminação social começa, portanto, já no texto da Constituição. [...] todos os brasileiros a que ela se refere deveriam ter acesso mais amplo e democrático a essa espécie de língua oficial que, restringindo seu caráter veicular a uma parte da população, exclui necessariamente uma outra, talvez a maior. (GNERRE apud BAGNO, 2007, p.17)

Poucas são as pessoas que conseguem compreender tudo o que contém na constituição, até pessoas letradas com ensino superior sentem dificuldades, que dirá pessoas que muitas vezes está totalmente excluída, que nem sabe ler e escrever, ou

então, que é um analfabeto funcional. Com isso, podemos perceber que por trás disso existe uma ideologia dominante que não tem interesse em que a população tenha acesso efetivo a essas informações.

Todas as línguas (variedades) têm seu valor, e são eficazes em sua utilização, por isso, é necessário parar de tentar definir regiões e comunidades que falam melhor ou pior o português, pois, as variedades surgem de acordo com as necessidades de seu grupo (os que fazem uso dela).

Existe uma grande polêmica em relação à língua, pois, tal (língua) é dividida em: Língua Escrita e Língua Falada, e segundo Bagno, a divisão pode ser reconhecida também como: escrita = português (encontrada em jornais, livros etc.), e fala = vernáculo brasileiro (encontrada na boca do povo). Sendo assim, fica evidente que, a língua falada, por ser encontrada na 'boca do povo' recebe uma porção gigantesca de preconceito, desprezo e discriminação; e a língua escrita, por sua vez, é supervalorizada, construindo então o mito de que nós temos que ler do modo como escrevemos, sendo esse considerado o 'certo'.

Outro mito enraizado na língua é o de que, é necessário saber a gramática para saber escrever e falar bem; de acordo com Possenti,

[...] são os gramáticos que consultam os escritores para verificar quais são as regras que eles seguem, e não os escritores que consultam os gramáticos para saber que regras devem seguir. Por isso, não faz sentido ensinar nomenclaturas a quem não chegou a dominar habilidade de utilização corrente e não traumática da língua. (POSSENTI, 1997, p.55)

Podemos perceber uma das grandes causas do trauma que muitos jovens e adultos têm do ensino de língua portuguesa em sua época de escola, onde, ao invés de terem sido desafiados e motivados a expressarem seus pensamentos e opiniões, tanto oralmente como através da escrita, foram-lhes transmitidas todas as nomenclaturas da gramática.

Sendo então, “(...) *O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente, (...)*” (BAGNO, 2007, p.70). É fundamental que, antes de qualquer conhecimento a ser aprendido, o indivíduo sinta-se respeitado e valorizado, para que, então, possa

desfrutar de novos conhecimentos, mas sabendo que, mesmo em sua variedade obterá o mesmo respeito do que se estivesse falando de modo mais douto.

B. OS PCNS E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Sabemos que o homem é um sujeito social que interage, influenciando e sendo influenciado pelo meio, sendo assim, cabe ao professor, mediar este processo, no caso da língua, apresentando as variedades, instigando suas características, pensando em contextos, onde, uma (variação) torna-se mais adequada do que a outra sem desprestigiar e/ou menosprezar as outras.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa, nos trás a seguinte contribuição:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCN – Língua Portuguesa, 1998, p.31).

Através da citação acima, podemos fazer uma analogia figurativa da língua como um guarda-roupa, onde, para cada situação ou festividade usa-se um determinado traje, assim também ocorre com a língua, ela nos permite essa versatilidade e flexibilidade de ser mais ou menos monitorada dependendo do contexto em que estamos inseridos e vivenciamos.

No artigo de Dilian de Rocha, aparece a seguinte citação:

[...] como nos aponta Chevallard (1988), o professor também é responsável por uma das etapas de transposição didática. A forma como este se relaciona com o conhecimento repercute diretamente na forma como ele irá realizar o ensino. [...] (CHEVALLARD, 1988 apud CORDEIRO, Dilian de Rocha, p.4).

O modo como o professor enxerga e se relaciona com a língua determinará como ele trabalhará as variedades lingüísticas, a norma padrão, a gramática, enfim, o professor é um fator determinante em todo o processo para colocar em prática e alcançar a reeducação sociolingüística, revendo e reavaliando muitas concepções de ensino, e partindo para a proposta da pedagogia da variação lingüística, onde, a tarefa é contextualizar, letrar e capacitar os nossos alunos a refletirem sobre sua língua, desenvolvendo um senso crítico, e estar capacitado a selecionar, monitorar, o que irá falar e/ou escrever dependendo do contexto, aprendendo a respeitar as variações lingüísticas e dominá-las.

Uma das principais tarefas da educação lingüística é exercitar o olhar do aluno e a sua capacidade de refletir a respeito, levando-o a perceber o quanto o lugar em que ele se situa (muitas vezes sem saber) lhe permite descortinar uma determinada paisagem, mas o cega para outras. (BAGNO, 2007, p.15-16)

Pois, ao mesmo tempo em que nos utilizamos da língua, podemos desconhecer outras possibilidades que a língua permite, por isso, uma das principais tarefas da educação lingüística é levar o aluno a refletir sobre sua linguagem e as demais variações existentes.

[...] As crianças, quando chegam à escola, já sabem falar bem a sua língua materna, isto é, sabem compor sentenças bem formadas e comunicar-se nas diversas situações. Mas ainda não têm uma gama muito ampla de recursos comunicativos que lhes permita realizar tarefas comunicativas complexas em que se exija muita monitoração. [...] (BORTONI-RICARDO, 2004, p.74)

Portanto torna-se necessário que se adote uma nova postura quanto o ensino de língua portuguesa, pois o que se almeja com a nova proposta da pedagogia da variação é formar cidadãos e cidadãs conscientes e reflexivos e não prisioneiros em mitos sobre a sua própria língua.

Muitos jovens e adultos têm aversão à língua portuguesa pelo trauma que tiveram ao aprenderem na escola sobre todas aquelas regras gramaticais, que muitas vezes não faziam sentido algum ao universo dele (indivíduo), e também, a imposição de que a gramática era o que deveria ser seguido e obedecido para ascensão na sociedade.

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades. aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. Sabe, por exemplo, que existem formas mais ou menos delicadas de se dirigir a alguém, falas mais cuidadas e refletidas, falas cerimoniais. Pode ser que saiba, inclusive, que certos falares são discriminados e, eventualmente, até ter vivido essa experiência. (PCN – Língua Portuguesa, 1998, p.81 e 82)

Como podemos observar pela citação acima, o aluno ao entrar na escola já “sabe” pelo menos uma das variedades que a língua propicia. Sendo então, torna-se incoerente achar que os alunos não sabem nada sobre a língua e que temos que ensinar tudo, e pior, iniciar o ensino e só instruir à gramática.

“(...) Como aprendemos a falar? Falando e ouvindo. Como aprenderemos a escrever? Escrevendo e lendo, e sendo corrigidos, e reescrevendo, e tendo nossos textos lidos e comentados muitas vezes (...)” (POSSENTI, 1997, p.49), a expectativa que se cria está ligada ao modo como o ensino de língua poderia acontecer, levando os alunos a construírem um espírito pesquisador sobre as manifestações vivas da língua.

[...] o ensino de língua materna seria mais interessante e eficaz se pautado numa reflexão sobre as variedades lingüísticas, despojada de preconceitos, a fim de que o estudante perceba esse trabalho como estudo de uma língua não-artificial. (SANTOS. Janete, p.128)

2. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA: ONTEM E HOJE

[...] a incorporação de contingentes rurais alterou o perfil sócio-cultural do alunado de 1º 2º graus. Nossas escolas deixaram de abrigar exclusivamente os alunos da classe média urbana – para os quais sempre foram preparados os materiais didáticos - e passaram a incorporar filhos de pais iletrados, mas chegados às cidades e a elas mal adaptados. (CASTILHO, 1998, p.10)

Há um bom tempo à escola era direcionada a “elite” (classes médias e médio-altas), os bancos escolares eram reservados para uma parcela um tanto restrita da população.

A sociedade sofreu grandes mudanças (assim, como vem sofrendo continuamente) alterando o perfil socioeconômico, com isso, iniciou-se o processo de democratização do ensino.

Com a democratização do ensino, existiu uma ausência muito grande de professores e uma necessidade tamanha de ter pessoas para atender a grande população, com isso, muito do que vemos, é a reprodução da má formação, dependendo da forma como o professor interage com o que ele faz (trabalho) e no que ele acredita em relação à educação, isso reflete direta e/ou indiretamente sobre os alunos, por exemplo, a forma como o professor se relaciona com a língua, o fará explorar mais ou menos com seus alunos, isso vai depender do seu conhecimento e afinidade com o assunto.

Bagno, em seu livro 'Nada na língua é por acaso', nos mostra uma reportagem que saiu na Folha de São Paulo (2001), onde, podemos observar que o grande público a ingressar em uma graduação de licenciatura pertence à classe médio-baixas, ou seja, pessoas filhos de mãe e pai analfabetos, que possuem renda inferior a 2 (dois) salários mínimos; Enfim, com essa pesquisa podemos detectar que, com a democratização do ensino, apesar de proporcionar a todos o direito de estudar, não proporcionou aos professores uma melhor qualificação e capacitação, percebemos que a grande falha da falta de qualidade de ensino, existe exatamente, por ser uma reprodução de uma educação anterior, e que leva-nos a questionar: porque uma profissão tão importante quanto as outras é tão desprestigiada? Os alunos de uma educação escolar de um 'nível particular' ingressam em que tipo de graduação?

Enfim, com todo esse relato o que fica de certo modo claro é que, com base em uma concepção de ensino tradicional, no qual muitos professores 'atuantes hoje' foram formados torna-se mais 'confortável' repetir o que foi aprendido, limitando-se e recuando a inovar, a propor uma nova prática. Com isso, Bagno nos apresenta, no mesmo livro, a proposta da reeducação sociolingüística, onde ele não só discorre sobre a língua em si, como do que está oculto nela, os preconceitos, ideologia, valores, enfim, surgem questionamentos do tipo: ' Gramática: é ou não é para ensinar?' O que fazer na escola? (ao sugerir uma nova proposta).

Analisando todo esse quadro, podemos perceber que “(...) *A tarefa da atual geração de educadores é muito pesada: reciclar-se, reagir contra o círculo de incompetência e de acriticismo que se fechou à volta do ensino brasileiro, e lutar pela valorização da carreira. (...)*” (CASTILHO, 1998, p.13)

É necessário, não somente, que se adote uma postura transformadora e inovadora com a prática (ensino), mas, sobretudo, com a luta pela valorização da carreira, da profissão; Não se conformando com a atual situação da educação e da profissão.

A. O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA ESCOLA

Para iniciar este assunto, é importante, lembrarmos que a sociedade vem mudando velozmente está vivendo um novo momento, uma nova era: a da informação, onde todos têm acesso rápido, de uma forma ou de outra, a todo o tipo de informação, basta um clique e você tem um leque opções; Com isso, podemos observar que o ‘tipo’ de indivíduo (aluno) também mudou. Ao chegar aos bancos escolares nossos alunos já chegam impregnados de informações midiáticas, e o que se sugere como questionamento é: como os professores tem lidado com esse novo momento que a sociedade está vivendo? Estamos preparados, ou pelo menos, nos preparando para este novo tempo, este novo alunado? Ou continuamos empregando os mesmos conceitos, os quais nós aprendemos em nosso tempo de escola?

Castilho afirma que [...] *os professores em exercício precisarão capacitar-se dos novos temas, visto que eles permitem encarar mais adequadamente os problemas lingüísticos suscitados por uma sociedade em mudança. [...]* (CASTILHO, 1998, p.12)

É fundamental que o professor esteja comprometido, antes de qualquer coisa, consigo mesmo e saiba o que realmente esta fazendo (no campo da educação), para que, sinta-se motivado a transformar a sua prática em sala de aula e conseqüentemente a vida dos seus alunos, pois, a reeducação lingüística inicia-se com o professor, e é nesse processo que o professor deve buscar especializar-se e

capacitar-se cada vez mais, para que saiba tratar da variação lingüística de modo adequado, de modo a propiciar um ambiente rico em aprendizagem significativa aos seus alunos.

A reeducação sociolingüística é uma proposta de pedagogia da variação lingüística que leva em conta as conquistas das ciências da linguagem, mas, também, as dinâmicas sociais e culturais em que a língua está envolvida. Não é possível desprezar, em nome da ciência “pura”, as necessidades e os desejos (legítimos) dos falantes da língua. Mas também não é possível, em nome dessas necessidades e desejos, deixar as coisas como estão, dominadas por ideologia lingüística autoritária e excludente. (BAGNO, 2007, p.86)

É importante que a escola acolha o indivíduo e que realmente cumpra com seu papel de ‘ensinar’, onde, ao chegar à escola o indivíduo sinta-se valorizado, e não discriminado pela forma como fala, e gradativamente seja exposto as diversas maneiras que a língua se representa, tanto em estilos mais monitorados como em estilos menos monitorados, observando e refletindo sobre o porquê ocorre essa variação.

Onde a contextualização e a reflexão estejam de antemão no planejamento de ensino, buscando, com isso, capacitar e propiciar aulas dinâmicas e reflexivas, onde os alunos sejam levados a sair da posição passiva e assumam a posição de aprendiz pesquisador, investigando e se identificando com a língua.

Do ponto de vista prático, a nova postura pode ser representada na eliminação de uma única sílaba também. Em vez de Reproduzi a tradição gramatical, o professor deve PRODUZIR seu próprio conhecimento da gramática, transformando-se num pesquisador em tempo integral, num orientador de pesquisas a serem empreendidas em sala de aula, junto com seus alunos. Parar de querer entregar regras (mal descritas) já prontas, e começar a descobrir métodos inteligentes e prazerosos para que os próprios aprendizes deduzam essas regras em textos vivos, coerentes, bem construídos, interessantes, tanto de língua escrita como de língua falada. [...] (BAGNO, 2007, p.117)

Como podemos observar, a mudança inicia no professor, portanto, torna-se necessário que os docentes tenham alguns objetivos esclarecidos para então, modificar e aplicar em sua prática diária, começando com uma pergunta básica: ‘O que ambicionamos com a nossa prática em sala de aula?’, ‘ao final do curso o que esperamos de nossos alunos?’; A resposta deve ser, no mínimo, que antes de qualquer coisa, nossos alunos saibam ler e escrever.

Na aquisição de conhecimento referente à língua nossos alunos, não precisam saber tudo ‘sobre’ a língua, mas, deve saber tudo como ‘usar’ a língua eficientemente nos múltiplos contextos ao qual será exposto.

Uma ironia no ensino de língua portuguesa é observar que, ao ensinar todas as nomenclaturas específicas da língua, nos leva a entender que, estamos formando professores de gramática, e não usuários eficientes da língua, quem deve saber tudo sobre a gramática somos nós professores que somos os instrutores, os especialistas da língua e não nossos alunos, que devem ser antes de tudo bons usuários dela.

Para isso, é fundamental que os professores tornem-se cientistas, pesquisadores e investigadores da língua, tornando-se conseqüentemente ‘influência’ dentro da sala de aula, e instigando os alunos a serem pesquisadores e investigadores, levando-os a construir o próprio conhecimento; abandonando uma concepção de ensino tradicional, e apostar na construção de conhecimentos, na interação, na discussão, no ativismo dos alunos, em seus pensamentos, suas inquietações; despertando o senso crítico e fazendo-os construir sua autonomia, ensinando-os a aprender a aprender.

[...] É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas lingüísticas. [...] (BORTONI-RICARDO, 2004, p.74)

É função da escola letrar os alunos, fazendo-os ter consciência dos diferentes contextos (situações) e prepará-los; Proporcionando experiências com a língua em sala de aula, ensinando-os e propiciando momentos para que eles apropriem-se dos “recursos comunicativos” necessários, para que eles (alunos) saibam articular a ‘teoria’ a ‘prática’, e sejam bem sucedidos em seu desempenho em seja lá qual for à situação. Vivemos na ‘era da informação’ e precisamos prepará-los (alunos) para sobreviver nessa nova sociedade, não sendo consumido pela quantidade de informações.

Em relação à língua escrita, seria pedagogicamente proveitoso substituir a noção de erro pela de tentativa de acerto. Afinal, a língua escrita é uma tentativa de analisar a língua falada, e essa análise será feita, pelo usuário da

escrita no momento de grafar sua mensagem, de acordo com seu perfil sociolingüístico. [...] (BAGNO, 2007, p.126)

Quando pensamos em língua escrita, em sala de aula, lembramo-nos das aulas de redações, e de uma forma misteriosa, confundimos, no momento da correção, a estrutura do texto com a correção de erros ortográficos. O que esperamos dos alunos em suas redações?

Seguindo o tradicional, estamos de acordo, corrigindo erros ortográficos, mas, em que isso contribui para o desenvolvimento do aluno?

Ao aplicar uma atividade (redação) aos nossos alunos, devemos ter esclarecido o que queremos deles (alunos), pois, em primeiro momento o que deve ser avaliado, não é a grafia, mas a construção do pensamento do aluno, sua criatividade, a coerência etc., pois, a língua escrita é a tentativa de analisar a língua falada, o aluno estava 'tentando' acertar e isso deve ser levado em consideração, é fundamental que exista espaço para a 'liberdade' na escrita, e depois, em momentos de reescrita, a preocupação com a codificação adequada segundo as normas, para que, nossos alunos, não sejam 'barrados' e 'aprisionados' em mitos sobre o português, onde escrever é muito difícil.

É necessário, também, derrubar a dicotomia que existe em relação à língua, onde, existe uma supervalorização da língua escrita e um desconhecimento e depreciação da língua falada. Ambas são intrínsecas, uma depende da outra.

“Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade.” (BAGNO, 2007, p.130)

O questionamento inquietante que surge é: como é a relação do professor com a língua?

Para que a reeducação sociolingüística ocorra, para que os preconceitos sejam derrubados, é necessário, mais uma vez, que o professor esteja preparado para enfrentar a sala de aula de modo a produzir conhecimento com os alunos, e não apenas reproduzir o que vem sendo feito há décadas.

Dilian de Rocha em seu artigo, (*Variação Lingüística: Considerações acerca das práticas docentes*) relata sobre uma pesquisa realizada com professoras que trabalham com o ensino de língua portuguesa, onde, criou algumas situações de ensino e pediu que as professoras dissessem como realizariam a intervenção na situação, e muito do que se viu, ao fim da pesquisa, foi que, muitas delas ainda estavam presas na idéia de que a norma padrão é estabelecida como verdade absoluta; e que, apesar de algumas terem uma nova perspectiva de ensino, ainda é muito superficial, não existe um aprofundamento, um conhecimento sobre o que a lingüística vem estudando e sobre as novas propostas de ensino.

Observando o fato descrito acima, no artigo de Dilian de Rocha, podemos afirmar que, é necessário que ocorra a reeducação lingüística no meio dos professores, onde estes (professores) sejam preparados a lidar com o novo, pois, infelizmente ainda existe muito despreparo por parte dos docentes. Sabemos que as ciências evoluem, e a ciência da linguagem vem evoluindo continuamente, o que resta saber é: se vamos fingir que nada está acontecendo, que nossos alunos são os mesmos de décadas atrás, onde, nós professores vamos fingir que ensinamos e nossos alunos vão fingir que estão aprendendo. Viveremos em um faz de conta? Ou, iremos parar para refletir sobre as mudanças que a sociedade brasileira sofreu e analisar, ser sensível o suficiente para perceber o que realmente nossos alunos carecem.

“(…) No caso particular da Língua Portuguesa, não se acredita mais que a função da escola deva concentrar-se apenas no ensino da língua escrita, a pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa. Ora, se essa disciplina se concentrasse mais na *reflexão sobre a língua que falamos*, deixando de lado a reprodução de esquemas classificatórios, logo se descobriria importância da língua falada, mesmo para a aquisição da língua escrita. (…)” (CASTILHO, 1998, p.13) (grifo meu)

Qual a realidade em nossas salas de aula? Como tratamos nossos alunos e suas variedades lingüísticas? Que tipos de recursos utilizaram em nossas aulas para aproximar nossos alunos do conteúdo específico da disciplina?

É necessário um novo olhar, uma postura reflexiva sobre que tipo de conhecimento nossas aulas está proporcionando aos nossos alunos, que tipos de

desafios estamos lhes propondo e onde esperamos chegar com eles, que tipo de 'homem' esperamos formar.

B. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Bagno (v.125-140) em seu livro: Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística, nos apresenta um roteiro para analisar os livros didáticos e selecionar o material que será usado em sala, abaixo uma síntese do roteiro, apenas com os tópicos introdutórios:

Roteiro para analisar os livros didáticos

- 1- O livro didático trata da variação linguística?
- 2- O livro didático menciona de algum modo à pluralidade de línguas que existe no Brasil?
- 3- O tratamento se limita as variedades rurais e/ou regionais?
- 4- O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?
- 5- O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?
- 6- O tratamento da variação no livro fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticas?
- 7- O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados a variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do "certo" e do "errado"?
- 8- O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do erro?
- 9- O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística? Como?
- 10- O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?

Analisar livros didáticos é uma tarefa mais árdua do que parece, é necessário grande comprometimento do professor em relação à educação e aos seus alunos, pois, é um trabalho de pesquisa, de busca, e para encontrar o material desejado é necessário investigar e analisar pilhas de livros, revirar a internet, e ainda assim, pode ocorrer de não encontrar a satisfação no material coletado, investindo então na construção dos próprios textos e exercícios que estejam adequados com a proposta da variação linguística, buscando trabalhar com a língua heterogênea em sala de aula, propiciando aos alunos um ambiente de investigação e pesquisa, desvendando todas as possibilidades de variação da língua; distinguindo o vernáculo brasileiro da língua padrão, conhecendo e dominando as características entre a língua falada e a língua escrita e o seu emprego nos diferentes contextos, explorando os gêneros textuais e a produção de texto.

[...] a escola não ensina língua, mas usos da língua e formas não corriqueiras de comunicação escrita e oral. O núcleo do trabalho será com a língua no contexto da compreensão, produção e análise textual. (MARCUSCHI, 2008, p.55).

O trabalho com os gêneros textuais contribuem significativamente para o tratamento da variação linguística, visto que eles compõem o cotidiano dos alunos e apresentam variações instigantes para serem trabalhadas em sala de aula, como por exemplo, o gênero recado, ele abre possibilidades para abordar os internetês, as gírias, a escrita formal, coloquial etc.

Segundo Marcuschi “(...) o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais”. (MARCUSCHI, 2008, p.256)

Ao trabalhar com gêneros tem-se a oportunidade de utilizar materiais que contenham aspectos culturais e sociais reais, onde, pode-se trabalhar e investigar a língua em suas variações no âmbito social real, por exemplo, ao utilizar o gênero entrevista, e realizarmos uma entrevista com um grupo de jovens pertencentes a alguma “gangue” ou grupo específico, notaremos singularidade e especificidade de língua, logo variação, que pode estar associado a vários fatores, seja etário, de gênero, rede social, etc. O que nos levará a fazer uma retratação mental daquela variedade e

das funções sociais e culturais nela contidas, observando como a língua é empregada, e buscando contrapor com outra situação, outro contexto social, diferenciado qual seria a maneira mais adequada, dependendo do ambiente.

Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível conta-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação. Por isso é muito difícil fazer uma classificação de gêneros. Aliás, quanto a isso, hoje não é mais uma preocupação dos estudiosos fazer tipologias. A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente. (MARCUSCHI, 2008, p. 159)

Os gêneros refletem o que a língua vem sendo atualmente – variável, dinâmica, e de complexidade variável – tornando-se um auxílio para abordar os fenômenos linguísticos existentes.

Onde, o que passa a ser essencial no ensino de língua portuguesa não é apenas usar a língua padrão, mas, estar consciente de perguntas básicas que irão nortear a posição e seleção do modo como irá se escrever: Para quem escrever? Porque escrever? Como escrever? Enfim, a escrita deve estar totalmente ligada a uma função social que necessita de adequabilidade em relação à monitoração linguística – formal e informal – indicando e diferenciando o modo como escreveríamos um recado ao prefeito e a um colega.

3. O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: PROPOSTA DE ENSINO

Neste capítulo buscar-se-á propor e realizar uma sequência didática que abranja o gênero como veículo para trabalhar variação linguística em sala de aula; o gênero selecionado foi: "recado"; e as abordagens de variação pretendidas são os internetês – ortografia e as gírias.

PLANEJAMENTO – SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Série: 3º a 5º ano

Conteúdo: Variação Linguística: gênero recado, internetês, gírias, língua falada e língua escrita e suas características;

Objetivos:

- Refletir sobre a língua e suas variações;
- Compreender a língua como heterogênea;
- Identificar contextos e adequações;
- Distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala);
- Estimular o espírito pesquisador-investigador;

Recursos materiais: lousa, giz, folhas de fichário, lápis, borracha.

Sequência Didática:

1º Momento

- Introduzir o assunto com a sondagem de quantos deles (alunos) possuem e-mail, Orkut;

Após ter uma base, introduzir com as situações abaixo:

Situação 1

Você está diante de um computador e precisa enviar um recado, desejando “Feliz Aniversário” para um amigo;

Como escreveria?

Situação 2

Agora, você tem um caderno e uma caneta na mão, e precisa enviar um recado também desejando “Feliz Aniversário” para o seu pai e/ou sua mãe;

Como escreveria?

Situação 3

O telefone toca e você atende, a pessoa que ligou quer falar com sua mãe ou seu pai, e ela (pessoa) pede que você anote o recado, pedindo que seus pais retornem a ligação, deixando o nome e número do telefone.

Como vocês anotariam o recado?

Importante: lembrando que, você está atrasado para ir a escola, e quando seus pais pegarem o recado para ler, vocês não estarão presentes para explicar o que está escrito.

Escreva de modo que eles não precisem que vocês estejam presentes para entender o recado.

2º Momento

Depois de trabalhada as situações serão apresentadas alguns exemplos de recados, e solicitarei que eles me apontem o que falta no recado? Se eles conseguiriam entender sem a presença de quem escreveu o recado? O que eles observam de diferentes entre as três situações, etc.

EXEMPLOS:

- 1) Oie, td bem? passandu p/ desejar feliz niver! Deus t abençoe... bjs e fik c deus.
- 2) Oi Mãe, Feliz Aniversário! Deus te abençoe! Beijos
- 3) Mãe estou deixando este bilhete para avisar que ligaram do banco querendo falar com você, a pessoa se chama Andréa, ela pediu que você retornasse a ligação, o número é 2222-2222. Beijos.

Corrija o que achar necessário, de modo que você compreenda:

- 1) Mãe, andréa ligou, 2222-2222 (O que está faltando? Ela saberá qual Andréa ligou? E quem é essa? Faça as alterações de modo que a pessoa entenda sem precisar perguntar)

Após a realização da atividade introduzirei uma discussão sobre a construção e os contextos em que cada recado estava situado; apontarei o uso do internetês e questionarei quantos utilizam, e conversarei sobre contextos, e quais as situações o uso de abreviações é permitido;

3º Momento

Conversando sobre as gírias;

- Identificar as gírias utilizadas pelo grupo e definir o que são e sua funcionalidade na sociedade;

Avaliação

A avaliação ocorrerá durante todo o processo de desenvolvimento da atividade.

Bibliografia

http://www.suapesquisa.com/o_que_e/giria.htm

<http://www.revistalingua.com.br/textos.asp?codigo=11061>

<http://www.webartigos.com/articles/3739/1/generos-textuais-e-a-linguagem-da-internet/pagina1.htm>

A. DIÁRIO DE REGISTRO

A primeira aula – atividade aplicada foi realizada em uma instituição escolar particular, com uma turma/classe de 3ºano; a aula foi realizada em prol de uma substituição, no qual foi me dado à autorização de realizar o que eu havia planejado e depois o que a professora tinha deixado para aquele dia.

A atividade realizada nessa turma foi às situações, onde procurei questioná-los sobre o modo como escreveria em diferentes situações um mesmo tipo de texto, porém, para pessoas e contextos diferentes.

A atividade foi muito produtiva, embora instigante, pois no primeiro item, quando solicitei que eles escrevessem como se estivessem em frente a um computador, a discussão anterior à escrita deles, abordou as possibilidades de escrita que em frente a um computador se utiliza, porém, ao observar os recados em folha foi

raro encontrar alguma abreviação-internetês, com a exceção de um ou dois BJS e uns dois ou três emoticons.

Mesmo o aluno que havia brincado falando: - Ah! Então vou escrever VC, escreveu corretamente.

Após receber as folhas das atividades, coloquei algumas formas de internetês, para identificar, se eles não conheciam ou não utilizaram conscientemente; e foram unânimes nas respostas dos significados de cada abreviação, todos conheciam;

Depois de observar que eles conheciam e muitas vezes utilizavam essa linguagem, falamos sobre os contextos, perguntei se eles poderiam utilizar este tipo de linguagem em uma prova, todos responderam que não, e conversamos sobre os lugares em que é permitida a utilização daquela linguagem: internet, Orkut.

Embora, ter conseguido realizar a atividade e satisfazer algumas expectativas, senti necessidade de realizar um replanejamento de algumas atividades, introduzindo exemplos, para a discussão posterior a atividade, para maior exploração das variações; e também alguns exercícios para eles (alunos) analisarem.

Durante a aplicação da atividade, enquanto eu tinha domínio do que eu estava fazendo, de algo que fora planejado anteriormente, a aula, a postura de segurança e interação com os alunos foi uma; depois que eu comecei a aplicar à atividade que a professora havia deixado, devido à ausência de um conhecimento anterior, da ausência de planejamento anterior, a postura foi outra, e comparando os dois momentos, o 'sucesso' de uma atividade planejada é evidente do que de outra em que eu tomei conhecimento no momento.

Isso me fez perceber o quanto o planejamento faz a diferença para o professor e conseqüentemente para os alunos;

Após a realização das atividades tivemos uma conversa para concluir o trabalho realizado, de modo a ter uma devolutiva do que os alunos acharam, e por ser uma aula, digamos que essencialmente língua portuguesa, muitos comentaram que não gostavam de escrever e pensar, porém isso não impediu que eles realizassem a tarefa.

Essa primeira experiência me ajudou muito a perceber que, embora a ideia seja inovadora, a proposta seja diferenciada, isso não significa que será mais fácil, ao

contrário, exige muito comprometimento com a educação e a disposição de preparar aulas contextualizadas e significativas;

Senti muita dificuldade em confeccionar meu próprio material didático, pois em muitos livros didáticos não encontrei o que eu queria, recorri à internet, onde também tive bastante dificuldade em selecionar, mas com muito trabalho e pesquisa coletei algumas coisas que me ajudaram a pensar em maneiras simples, mas eficientes, para construir meu próprio material-trabalho e chegar onde eu queria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho apresentou a importância da variação linguística e seu trabalho diferenciado em sala de aula, além de apresentar toda a mitologia e preconceito que envolve esse tema tão importante.

As ideias de Bagno apresentam como esse preconceito foi enraizado na realidade linguística brasileira, além de identificar muitos fatores que alimentam a ideia de que só deve usar e estudar a língua considerada padrão.

Pudemos observar em seus estudos os fatores diversos que causam e reafirmam a variação linguística, e que, com essas justificativas, esclarecendo que, não se deve minimizá-las, mas, sobretudo respeitar o diferente e a partir dele, refletir e investigar as causas das variações.

Com as contribuições de Bortoni-Ricardo pode-se ver um retrato da variação linguística no Brasil, percebendo a região rural, que carrega consigo uma sobrecarga de preconceito.

Além dos autores citados acima, que nos esclarecem sobre a importância da variação e o preconceito que ainda existe sobre elas, pudemos investigar e nos conscientizar com Fiorin, Possenti e outros autores, que, por trás de todo preconceito existe uma ideologia que influencia a divisão da sociedade em classes, ou como Bortoni-Ricardo cita em seu livro, divide a sociedade em domínios sociais, que como Vygotski nos acrescenta, cada domínio reproduz aquilo que se vivencia, pois cada indivíduo interage no meio em que está inserido, sendo influenciado e influenciando.

Além disso, pudemos observar as contribuições dos PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa, onde se buscou construir uma fina sintonia com as ideias que os referenciais nos apresentam em como deve ser tratada a variação linguística em sala de aula. Onde, houve muitos disto amentos, pois, embora os PCNS nos apresentem uma proposta mais inovadora e adequada, ainda existe uma forte resistência e um grande despreparo em relação a qual seria a melhor maneira de se trabalhar, já que, por séculos o ensino de Língua Portuguesa foi baseado em transmissão da Língua Padrão e sua gramática definindo e distinguindo certo e errado.

Por fim, termina-se este estudo com uma nova proposta de atividade e abordagem da variação linguística em sala de aula, que é a utilização dos gêneros como veículos para o tratamento da variação em sala de aula, pois, os gêneros contêm aspectos não apenas culturais e funcionais, mas também e essencialmente sociais, o que irá nos auxiliar a contextualizar cada explicação e cada abordagem em relação a monitoração linguística, entre o aceitável na situação e o não aceitável, apresentando que, o contexto e situação determina, muitas vezes, o modo como devemos falar e/ou escrever.

Para fundamentar esta proposta de ensino foi realizada uma pesquisa de campo em uma escola particular, onde utilizei o gênero recado como veículo para abordar, especialmente algumas variações, no caso as gírias e os internetês, o que me trouxe grande satisfação na aplicação, pois houve, não apenas uma melhor compreensão como também uma excelente interação. Com o gênero você trabalha com algo que é presente no cotidiano do aluno, auxiliando efetivamente.

E para terminar, além da proposta de ensino que abranja o tema variação linguística, apresenta significativamente, que este processo ocorre com muita pesquisa, reflexão e espírito investigador, pois, requer disposição, comprometimento e esforço.

BIBLIOGRAFIA

Artigos

CORDEIRO, Dilian de Rocha. **Variação Lingüística: Considerações acerca das práticas docentes.** Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT10-2299--Int.pdf>> Acesso em 10 mar 2010.

NEVES, Rita de Araújo, DAMIANI, Magda Floriana. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. **UNIrevista** - Vol. 1, nº 2 :abril, 2006.

SANTOS, Janete S. dos (2004). Letramento, variação lingüística e ensino de português. **In: Revista Linguagem em (Dis) curso.** Centro de Pós-Graduação de Tubarão/ SC.

Livros

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália. Novela sociolingüística.** São Paulo, Contexto, 1997

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Norma lingüística.** Edições Loyola, São Paulo, 2001.

_____. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz.** – Edições Loyola, São Paulo, 48^o e 49^o edição, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. - **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CASTILHO. Ataliba t.(1998). – **A língua falada no ensino de português.** São Paulo. Contexto.

FIORIN, José Luiz. – **Linguagem e ideologia.** – 8 ad. (ver. E atualizada). – São Paulo: Ática, 2007.

87p. – (Princípios; 137)

MARCUSCHI, Luiz Antônio, 1946 – **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. – **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

POSSENTI, Sírio (1997): **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, Mercado de Letras.